



III SRCCC

Seminário Regional
Comércio, Consumo e Cultura
nas cidades

Sobral-CE, 19 a 22 de junho de 2017

UMA LEITURA DA CENTRALIDADE NO USO DO ESPAÇO PÚBLICO: O PROCESSO DE APROPRIAÇÃO DO PARQUE DA CRIANÇA (CAMPINA GRANDE-PB)

Maria Jackeline Feitosa Carvalho ¹

Giovana Tavares Lopes ²

RESUMO

O presente artigo resulta de pesquisa de Iniciação Científica (PIBIC/UEPB 2014 -2015), desenvolvida no âmbito do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre o Urbano – GEUR/UEPB e discute a relação do espaço público com as novas formas de lazer, de modo a entender as vivências presentes na cidade contemporânea. Para tanto, analisaremos os usos e apropriações presentes no *Parque da Criança* (Campina Grande-PB), visto o destaque dado a este Parque como dimensão de lazer em Campina Grande. Localizado no Bairro do Catolé, a construção do *Parque da Criança*, em conjunto com outros equipamentos públicos e privados, atua como elemento importante de uma nova centralidade que consigo vincula o Parque à revalorização simbólica e econômica do Bairro. Assim torna-se relevante pensar o espaço público através da constituição de novos usos, modos de vida e formas de lazer que juntos transformam as noções de espaço, tempo e vivências. Portanto, discutiremos o cotidiano e as formas de uso situados no *Parque da Criança*, ao proporcionar localmente o lazer como consumo e, também, de valorização do Bairro onde se localiza.

Palavras Chave: Centralidade, Espaço Público, Parque.

INTRODUÇÃO

O presente artigo resulta de pesquisa de Iniciação Científica (PIBIC/UEPB 2014 -2015), desenvolvida no Grupo de Estudos e Pesquisas sobre o Urbano–GEUR/UEPB, e toma por enfoque a discussão da centralidade, aqui analisada pela relação com as novas formas de lazer na contemporaneidade, de modo a entender as vivências do espaço público urbano. Tomaremos por destaque a apropriação do *Parque da Criança* (Campina Grande-PB), pois, o uso deste parque se destaca como dimensão de criação de uma nova

¹ Prof^a. Dr^a da Universidade Estadual da Paraíba- UEPB, e-mail: jacsocurbana@gmail.com

² Graduanda em Geografia pela Universidade Estadual da Paraíba- UEPB, e-mail: giovanatavareslp@gmail.com

centralidade que tem o lazer e o consumo do lugar por bases; visto que, o *Parque da Criança* redimensiona o Bairro onde se localiza.



Figura 1: Parque da Criança
Fonte: Pesquisa PIBIC (2014-2015).

Cabe situar que o processo de revalorização do Bairro do Catolé se conjuga à construção do *Parque da Criança* que, em conjunto com outros equipamentos públicos e privados (a exemplo da construção do Luiza Motta e do Shopping Center) atuou para constituir o Catolé como importante centralidade.

A importância do estudo do espaço público torna-se relevante por articular a constituição de novas centralidades, haja vista que os modos de vida e formas de lazer, têm contemporaneamente transformado as noções de espaço, tempo e vivências. Assim, discutiremos o cotidiano e as formas de lazer presentes no *Parque da Criança*, a partir das percepções que têm por características a valorização do espaço onde está situado o parque, proporcionando localmente o lazer como consumo.

Desse modo, o presente artigo discute como os espaços públicos, com ênfase no *Parque da Criança*, contempla aspectos históricos e atuais desses espaços que compreendem usos e apropriações de novas centralidades em características de um contexto multipolar e de valorização do espaço onde o parque está localizado (vide Figura 02). Tomaremos por enfoque a discussão da centralidade, aqui analisada pela relação com as novas formas de lazer na contemporaneidade, de

modo a entender a centralidade a partir da forma como o lazer impacta as vivências do espaço público urbano a partir dos usos e apropriações do *Parque da Criança* (Campina Grande-PB), visto que o uso deste parque se destaca como dimensão de lazer e consumo em Campina Grande; pois, o parque redimensiona o Bairro onde se localiza.



Figura 02: Açude Velho – Anos de 1938; 2015.

Fonte: Google imagens

Localizado nas mediações do Açude Velho, o parque constituiu ao longo do tempo uma maior centralidade para o espaço em suas mediações, além de valorizar a localidade, pois como bem pode ser observada, a construção do Parque da Criança no espaço central da cidade, trouxe um expressivo aproveitamento da área paisagística, ao valorizar o espaço e atrair investimentos concernentes às construções de condomínios de alto padrão, bares, restaurantes, escolas e estabelecimentos comerciais.

O *Parque da Criança* localiza-se às margens do Açude Velho na cidade de Campina Grande-PB. O parque teve sua construção concluída em 1993, sendo sua inauguração no dia 12 de Outubro do mesmo ano. Tendo sido construído a partir do projeto de um antigo Curtume, o Parque foi projetado para propor uma ressignificação do espaço e também no sentido de projetar um ambiente natural, destinado ao lazer e práticas de divertimentos voltados às crianças.

Podemos observar que a criação de um projeto da magnitude de execução de parque urbano assume um posicionamento político e econômico, pois, em relação à sua implantação, o Parque da Criança demonstra a marca do poder concreto espacialmente através do tempo. Quase sempre, são projetos concebidos com base em interesses econômicos que localizam e especulam os investimentos destinados a determinadas partes da cidade, o qual os principais beneficiados são aqueles que tendem a lucrar com sua implantação, devido à valorização dos terrenos próximos ao equipamento urbano, como, empreiteiras, donos de estabelecimentos comerciais dentre outros.

De maneira geral, observa-se que a implantação traz consequências imediatas à população local, ou próxima ao Bairro, pois, o Parque é um equipamento urbano que resulta em um processo de

especulação imobiliária e que contribuí para modificar o perfil populacional em termos de classe e de quem sejam os novos usuários, ocasionando a segregação socioespacial da antiga população da área.

Assim, com a valorização do entorno ao *Parque da Criança*, antes ocupadas por grupos mais pobres, acelera a substituição da sua população originária por outra mais abastada. Com a construção do *Parque da Criança* o Bairro do Catolé ganha visibilidade, à medida que passa a ser ocupado e destinado às classes que o consomem através do parque, como espaço de lazer.

Desse modo é notório o fato de que a população que ali estava estabelecida afastou-se para áreas periféricas mais baratas sendo substituída por uma que detém condições econômicas mais favoráveis, pois, o equipamento urbano torna-se objeto de consumo que determina a habitação neste Bairro. Ao ser requalificado, passa o Catolé de Bairro operário a um dos mais valorizados de Campina Grande. Deste modo:

O discurso oficial é contraditório, porque defende a idéia (sic) de que o parque dará aos habitantes de uma cidade uma vida mais agradável, mas, na verdade, esses parques são, em grande parte, reservados a um tipo específico de público, que não inclui os menos favorecidos, em termos de renda e formação. (SERPA, 2011, p.42).

As análises demonstram que a construção dos parques urbanos tende a direcionar em benefício de uma classe de forma que o equipamento urbano é territorializado em prol de grupos que detém a proximidade do mesmo. Segundo Serpa (2011, p.76): "(...). A acessibilidade e a proximidade são elementos mais importantes para o público." Visto que, o ineficiente sistema de transportes público faz com que a distância impossibilita o uso contínuo, restringindo apenas aos finais de semana, feriados ou datas que os trabalhadores dispõem de mais tempo para locomover-se até o equipamento.

Por ser ter sido construído em um tradicional Bairro, o *Parque da Criança* traz consigo toda uma gama de transformação do espaço onde se localiza - o Catolé (Vide Figura 03), sendo também evocado como um dos lugares de memória e de história de Campina Grande. Implica poder contar, de forma visível ou não, com a certeza de ser o sítio portador do traçado original da urbe. Como núcleo de origem, o *Parque da Criança* concentra os prédios mais antigos, ditos históricos do Catolé e potencialmente referenciais para o passado do Bairro.

NOBRE / No bairro estão localizados shoppings, motéis, casas de shows e rodoviária

Catolé: do simples Prado a um dos bairros mais valorizados da cidade

» CAMPINA GRANDE

» KARINA ARAÚJO

» da reportagem local

A história do bairro do Catolé surgiu a partir do bairro do Prado, que limitava-se às adjacências de onde hoje está instalada a agência do INSS-Instituto Nacional de Seguridade Social, conta o aposentado Expedito Raimundo da Silva, que já foi presidente da SAB (Sociedade de Amigos do Bairro) por várias vezes. Ele disse que chegou a Campina Grande, vindo de Fatos, em 1959, e viu o bairro crescer de forma muito acelerada, mudando de nome em homenagem a um falecido morador chamado "Lelo Catolé", integrante de uma família tradicional que havia no bairro. Atualmente, o

Catolé é considerado um bairro nobre, cujas casas, terrenos e apartamentos são uns dos mais valorizados e procurados da cidade. O crescimento, do qual o bairro já dava sinais há muitas

décadas, pode ser visto nos muitos terrenos ainda a serem ocupados e nas inúmeras construções, principalmente de apartamentos.

No bairro também podem ser encontrados os shoppings Luiza Motta e o Iguatemi, clubes como o Campestre e o BNR, a casa de shows Spazio, tradicionais bares e restaurantes, motéis (entre eles o primeiro da cidade, o Bel Recanto), o Terminal Rodoviário

Argemiro de Figueiredo, o Centro de Educação da UEPB, o estádio de futebol Ernani Sátiro, o Parque da Criança, entre outros, que fazem do Catolé um dos

mais bem servidos em termos de

educação, lazer e serviços.

OS MORADORES RECLAMAM DAS RUAS AINDA SEM PAVIMENTAÇÃO

CONTRASTE

No entanto, o Catolé apresenta contrastes em toda a sua extensão, talvez não encontrados em nenhum outro bairro da cidade de forma tão visíveis. O mesmo bairro de avenidas largas e urbanizadas que dão acesso a shoppings e ao Aeroporto João Suassuna ainda tem ruas sem pavimentação e infra-estrutura. Prédios modernos dividem espaços com mora-

dias onde as pessoas residem em condições subumanas.

Para a presidente da SAB, Francisca Ribeiro, um dos maiores problemas do bairro diz respeito à falta de pavimentação em muitas ruas, que segundo ela, apesar do serviço não ter sido iniciado ou concluído, os documentos oficiais dizem o contrário.

Outro problema enfrentado pela atual administração diz respeito à parte do prédio, que era cedida para o funcionamento da 6ª Delegacia Distrital e hoje, desocupada, encontra-se completamente deteriorada. Francisca Ribeiro disse que já solicitou ao governo a recuperação do prédio, que deve servir para a realização de cursos, e do terreno que cerca o prédio, onde deveria existir uma área de lazer destinada à comunidade do bairro.

Primeira rádio

Figura 03: O Parque da Criança transformando o Catolé

Fonte: JP 01/06/2003

Essa discussão tem a ver, também, a fragmentação e a perda de sentido na cidade, haja vista que os modos de vida e formas de lazer têm contemporaneamente transformados as noções de espaço, tempo e vivências no urbano. Assim, discutiremos o cotidiano e as formas de lazer presentes no *Parque da Criança*, a partir das percepções que têm seus usuários das características a valorização do espaço onde está situado o parque.

Espaço simbólico de referência do Catolé é no *Parque da Criança* que se situa a memória do urbano, depositária do passado deste Bairro (Vide Figura 04). Implica poder contar, de forma visível ou não, com a certeza de ser o sítio portador do traçado original do Catolé. Como núcleo de origem do Catolé concentram os prédios mais antigos, ditos históricos e, potencialmente, referenciais para o passado de Campina Grande.

Como bem sabemos, os Bairros surgem, crescem e se desenvolvem a partir de um centro, de um núcleo original, onde se situa a sua parte mais antiga. Os Bairros, contudo, têm a propriedade de aumentar, de se densificar, de crescer de forma desmesurada, e os seus centros são, tendencialmente, os primeiros a sofrerem tais transformações.



Figura 04: Parque da Criança- fachada e chaminé preservadas (2013).
Fonte: <http://cgretalhos.blogspot.com.br>

É deste modo que o local onde se encontra o *Parque da Criança*, isto é o Bairro do Catolé, passa a ser revalorizado em um conjunto de grandes intervenções urbanísticas, dentre as quais a construção do parque que presentifica uma ausência, reconfigurando a temporalidade escoada naquele espaço. Cabe aqui verificar a preservação da fachada e da chaminé do antigo Curtume dos Mottas. Desse modo:

(...) as paisagens são também culturais, ou seja, carregadas do simbólico. Se soubermos que em um determinado lugar algo de significativo, marcante ou excepcional ocorreu, se nos for transmitido um conhecimento de como era este espaço no passado, este lugar será por nós composto mentalmente como uma paisagem imaginária de sentido. Nós “veremos” para além daquilo que é visto. Por uma operação mental, reconstituímos espaços, atores, práticas. (PESAVENTO, 2008, p.7).

Cabe observar que o estudo e a compreensão correspondente aos espaços públicos vêm ganhando destaque no contexto de estudos relacionados à análise sobre a cidade e suas características de centralidades e apropriações. A busca por leituras e investigação sobre o contexto desses espaços se evidencia na medida em que os indivíduos também se percebem enquanto sujeitos integrantes dos espaços sociais e das relações que compõem a sociedade em suas práticas de lazer. Visto que as construções das novas centralidades recaíram sobre a construção de (novas) sociabilidades públicas.

Os espaços públicos em suas contextualizações históricas demonstram participações nas rotinas e formas de lazer, construídas ao longo do tempo pela sociedade. Mediante esses contextos as pessoas constroem uma afetividade e caracterização de identidade com certos espaços da cidade, através dos modos de apropriação e práticas em conjunto, que se estabelecem de modo mutável, à medida que novas formas de lazer se tornam evidentes.

O crescimento urbano aliado ao desenvolvimento capitalista nas cidades projeta uma linha de intensificação de centralidades urbanas, que se tornam cada vez mais intensas no que concerne aos divertimentos e práticas de lazer nos espaços considerados públicos principalmente os parques que em boa parte situam-se estrategicamente nas regiões centrais das cidades, proporcionando um espaço de convívio e de entrelaçamento de relações entre os indivíduos que frequentam esses espaços. Porém, não podemos esquecer, “(...)o impacto que as políticas de enobrecimento têm para a construção das novas centralidades e para a construção de sociabilidades públicas, (...) como um conjunto de práticas interativas, conflitivas ou não, que se estruturam no curso da vida pública cotidiana” (LIMA, 2007, p.54).

Em termos de apropriações e usos o *Parque da Criança* foi identificado como sendo um espaço destinado ao lazer da população campinense, atraindo moradores dos bairros próximos e até mesmo os mais distantes, além de receber a visita de moradores de cidades vizinhas e estudantes de escolas principalmente voltadas para a educação infantil que encontram no parque um ambiente natural e propício para a realização de práticas de lazer como, piqueniques, caminhadas, corridas, atividades físicas e brincadeiras nos *playgrounds* para as crianças.

Além de estar localizado em uma área central da cidade o parque oferece um espaço tranquilo e abrangente, com presença de grama e vegetação em boa parte da área pertencente ao parque. No sentido de proporcionar o bem estar e incentivo às práticas saudáveis. Os frequentadores deste lugar dispõem de biblioteca infantil, pista para caminhada e ciclovia, aparelhos para atividade física, quadra de basquete, campo de futebol, quiosques além de outros objetos que auxiliam no divertimento e socialização das pessoas.

No âmbito da pesquisa sobre o Parque, os usos surgem com o objetivo de identificar os horários escolhidos pelos grupos de pessoas para realização de suas atividades. Em alguns horários existe a frequência por pessoas de poderes aquisitivos distintos. Nos fins de semana se destaca a significativa quantidade de pessoas, tendo em vista que muitos grupos se reúnem para realização de conversas, pequenas celebrações, shows e lazer.

A construção do *Parque da Criança* atua como papel central para constituir uma nova centralidade no Bairro, em um processo de uso e ocupação que consigo vincula o *Parque da Criança* a uma espécie de revalorização simbólica e econômica do Catolé. Visto que a construção do parque termina por também contribuir para transformar o Catolé em um local apto não só para a prática comercial como também para novas formas de ocupação do espaço e prestação de serviços.

Por outro lado, a centralidade vinculada aos usos dos espaços públicos torna-se relevante na medida em que as cidades brasileiras constituem os parques urbanos como espaços públicos que se articulam à constituição de novas centralidades.

Em termos locais, o *Parque da Criança* deu visibilidade ao Bairro do Catolé, tornando-o um instrumento de valorização imobiliária deste Bairro enquanto espaço concebido que tem um caráter abstrato e de contraponto ao espaço vivido. Assim sendo, podemos interpretar que, “(...) Se o espaço público é, sobretudo, social, ele contém antes de tudo as representações das relações de produção, que, por sua vez, enquadram as relações de poder, nos espaços públicos, (...)” (SERPA, 2001, p. 19).

Ou seja, os parques urbanos representam práticas de apropriação espacial que também acionam os idealizadores e gestores, as imagens hegemônicas, as alegorias de tempo e dos poderes que os conceberam e os tornaram possíveis como signo de representação de poder econômico e político. Visto que, em seus símbolos, permitem enxergá-lo com uma alegoria de poder, pois, não podemos esquecer que os parques sempre cumpriram o papel de “emblemas” do poder, mobilizando recursos consideráveis para sua concepção e implantação. “(...) são vitrines e signos ostentatórios dos poderes constituídos, sem os quais não podem existir” (SERPA, 2011, p. 70).

No contexto das atuais apropriações desses espaços alguns aspectos tornam-se negativos e desprovidos de afetividades, a exemplo das segregações existentes na maioria dos espaços considerados “públicos”. Desse modo as novas condições de existência não se articulam de forma igualitária e acaba por compor aspectos de desigualdade modificando a rotina dos espaços, conseqüentemente a vida cotidiana, transformando a sociabilidade e produzindo transformações nos usos do espaço (CARLOS, 2007).

Em confluência com o capitalismo e os aspectos caracterizados pela industrialização as cidades em suas constituições têm seus espaços modificados ao longo do tempo e conseqüentemente estes vão sendo apropriados a novas formas de convívio, e de valorização espacial. Por meio das novas transformações do contexto urbano, os espaços públicos são modificados, haja vista as segregações que surgem juntamente com essas reformulações espaciais e de relações estabelecidas no âmbito desses espaços.

Tendo em vista as mudanças nos espaços e o entrelaçamento de novas relações e formas de convívio, surgem necessidades de compreensão destas respectivas realidades, inseridas na cidade. A exemplo do que ocorreu em Campina Grande com a construção, em 1993 do Parque da Criança, o qual passou a denotar uma requalificação do Bairro do Catolé, a ponto de hoje se destacam como uma das áreas mais valorizada de Campina Grande, posto à especulação imobiliária como subcentro em desenvolvimento.

Ou seja, este fenômeno também dialoga com o surgimento de “(...) novos subcentros, ou, sob outro prisma, a configuração de um contexto multipolar, dentro do qual o centro tradicional passa a competir com os demais, principalmente do ponto de vista econômico.” (LIMA, 2007, p.55). Visto que assinalado acima passa a configurar-se a partir de ações e lógica expansionista que passam a

vislumbrar o parque como uma nova localidade, propícia ao desenvolvimento do Bairro do Catolé, sendo notória as formas de uso e de usuários destes espaços de lazer.

1. COMPREENDENDO A CENTRALIDADE URBANA ATRAVÉS DOS ESPAÇOS PÚBLICOS

1.1 ESPAÇO PÚBLICO

Os espaços públicos são importantes objetos de estudos, para a compreensão do espaço urbano e as relações que se estabelecem mediante a apropriação e exclusão presente nestes. A caracterização dos múltiplos espaços de vivências e moradias existem e se transformaram no decorrer do tempo, observando-se a crescente urbanização das cidades e a forma como tais espaços foram gradativamente transformados em sua função de uso e apropriação, com clara definição de espaços públicos tradicionais pelo fortalecimento de novos usos. Em uma vinculação a interesses econômicos que, a exemplo dos shoppings e espaços públicos fechados, têm contribuído para impactar negativamente o espaço público nas cidades brasileiras, caracterizamos o que poderíamos denominar de erosão ou redefinição do espaço público.

Em termos da cidade moderna, observa-se que, à medida que novos espaços públicos foram sendo criados, determinadas práticas dos cidadãos e hábitos foram sendo substituídas por outros modos de vida e de apropriação da cidade. Entretanto, também se denota que muitas práticas e comportamentos se mantiveram de tal forma que, ainda, proporcionam a oportunidade de estudos e análises sobre o entrelaçamento entre os distintos usos da cidade e maneira de ocupação dos espaços públicos.

Desse modo os espaços públicos trazem em suas constituições e planejamento uma intenção de proporcionar uma centralidade no contexto espacial das cidades, haja vista que o espaço ocupado pelos monumentos, parques ou qualquer outra construção de incumbências públicas trazem consigo uma centralização e valorização do entorno a este ambiente. Ou seja, são projetados para proporcionar uma configuração econômica e paisagística atraentes (consumidas!) por estratégias imobiliárias para o espaço, inserido em uma dinâmica de expressividade de apropriações de grupos detentores de condições financeiras condizentes com a valorização constituída com a implantação desse espaço público, fazendo distinções entre os consumidores desses espaços. Ou seja:

(...) estes lugares são constantemente redefinidos pelas metamorfoses da morfologia urbana, seja através das políticas urbanas, seja através de estratégias imobiliárias que condiciona o uso do espaço da cidade à sua condição de mercadoria; esta tendência submete o cidadão marcando a passagem do

processo de **consumo no espaço** ao **consumo do espaço** (CARLOS, 2007, p. 14).

A sociedade brasileira em sua contextualização histórica, social e de ocupação, fornece uma ampla multiplicidade de informações referentes às práticas que se estabeleciam no cotidiano dos habitantes do passado, pois:

Como se vê, a arquitetura do sobrado – planta, volume, materiais, elementos construtivos – era em tudo compatível com a função de separação, de exclusão que o espaço de morar, herdado da casa grande, deveria desempenhar na sociedade que via nascer o urbano no Brasil (LEITÃO, 2009, p. 95).

Assim, o patriarcalismo, e as influências das elites brasileiras, contribuíram decisivamente à construção dos espaços urbanos interligados à segregação e uma sociabilidade indicadora de que nem em todos os espaços existem a relação entre indivíduos, os estabelecimento de vínculos e convívio. De tal modo que, o espaço público se tornou ao longo do tempo um meio de apropriação particular de grupos, comunidades e sujeitos que buscam esses espaços de acordo com suas necessidades e interesses. Conforme veremos a seguir todos os aspectos relacionados anteriormente, se farão presentes nas diferentes formas de ocupar o espaço público nas cidades brasileiras.

1.2 O ESPAÇO PÚBLICO NAS CIDADES BRASILEIRAS

Observa-se que a criação dos parques públicos nas cidades brasileiras, teve por intuito promover a existência de um espaço enquanto local onde as relações pudessem ser estimuladas e, desse modo, servissem como instrumento de sociabilidade entre diferentes grupos. Entretanto, ao mesmo tempo, tais espaços serviriam à constituição de novas padronizações e regras de convívios que visavam às mudanças de hábitos de acordo com determinados interesses. Para tanto, os parques públicos terminam por reproduzir as históricas desigualdades das cidades brasileiras, dada a forma como passaram a ser ocupados.

Segundo Serpa (2013, p.71): “Os processos de apropriação socioespacial, que se manifestam no espaço público da cidade contemporânea, colocam em primeiro plano as dimensões simbólicas da segregação (...)”. A questão sobre quem pode ou não fazer uso dos espaços públicos torna-se predominante, fazendo-se necessário uma análise a respeito da acessibilidade e uso dos espaços nas cidades brasileiras.

As cidades em termos de histórias e processo de ocupação urbana revelam uma intrincada relação na forma como o espaço urbano, enquanto espaço público, passa a se vincular acentuadamente a partir dos anos 1990 com os processos de consumo, valorização e desvalorização imobiliária da cidade. Estilos próprios de convívio são recriados, novas interações sociais são postas e

a cidade, juntamente com seu espaço público, passa por mudanças no tipo de uso e demarcação realizados pelos cidadãos em tal espaço como prática cotidiana do viver nas cidades.

Portanto, os parques públicos fornecem costumes e trazem consigo a valorização de determinadas partes da cidade, a exemplo da escolha de um Bairro quando da construção de um parque urbano. Visto que, ao serem escolhidos, tais Bairros passam por um processo daquilo que podemos pensar como revalorização urbanística, dados os investimentos e o valor agregado a tal equipamento. Desta forma:

Podemos também postular, que a categoria centralidade representa um anseio para com o poder cultural e detém duas características bastante marcantes: uma de mercado, por atrair outros empreendimentos e instituições, e uma simbólica, já que se apresenta como a parte mais elegante e glamorosa da cidade, ocupando importante papel no discurso de uma cidade moderna, sofisticada e apta para adentrar a rota do turismo e do consumo cultural. (LIMA, 2007, p.55).

As áreas onde se localizam os parques são geralmente mais otimizadas em termos de investimentos públicos e privados e, conseqüentemente, condicionam uma valorização econômica desse espaço, que recebe intervenções estratégicas de valorização do espaço onde se encontram vinculadas. De tal modo que: “Qualquer que seja a época, esses valores estão presentes no discurso oficial e nas políticas públicas aplicadas às cidades: *higienismo, pacifismo, beleza estética*. (Grifo nosso!) (SERPA, 2011, p.42).

A industrialização em sua articulação com o capitalismo crescente, ao longo do tempo vem provocando uma nova caracterização dos espaços nas cidades, haja vista as redefinições subsidiadas pelas novas exigências do capital (MARTINS, 2006). Mediante essas novas inserções de características, os espaços públicos ao longo do tempo são adaptados às novas incumbências da sociedade e dos aspectos econômicos que esta se insere em suas condições financeiras. Por meio dessas novas ressignificações os traços de segregações tornam-se mais evidentes, pois os espaços já não se convergem para o público de forma igualitária.

O tempo disposto para os aproveitamentos com o lazer também foram sendo minimizados com o advento da industrialização, as jornadas de trabalho são reguladas sobre ritmos expressivos, não permitindo uma abertura de tempo para realização de atividades voltadas para o lazer, práticas de atividade física e de estabelecimento de relações entre pessoas e em sua coletividade.

Os espaços públicos são cada vez mais diversificados e compreendem uma amplitude de relações e reprodução de fatores sociais, articulados a forma como cada sociedade, bairro e lugar se organizam a condição simbólica de representações culturais eminentemente mediadora de diferenças e traços de hegemonia aos quais, somadas as condições do urbanismo, o espaço público das cidades brasileiras torna-se alvo crescente da avidez econômica e do poder estabelecido. Assim, de acordo

com os aspectos enfatizados anteriormente, a próxima seção, irá tratar dos parques urbanos como espaço público.

2. OS PARQUES URBANOS COMO ESPAÇO PÚBLICO

Os parques urbanos são lugares desenvolvidos, com várias objetividades, voltadas principalmente ao atendimento da população de determinada cidade, bairro ou outros espaços. Adoção e implantação de novos equipamentos novas formas de lazer são propostas aos parques, constituindo-se dessa forma um espaço urbano de convívio social.

Sendo metamorfoseados pela constante mão de obra e requalificação dos espaços, os parques são influenciados pelas mudanças, tanto espaciais como das relações sociais, que se põem em uma complexidade de situações acompanhada por investimentos, inovações tecnológicas e presença de um forte mercado que busca reduzir ou suprimir o espaço público, de modo a redefini-lo em sua condição de público. Ou seja:

(...) o espaço público, o parque público, transformou-se em um “objeto de consumo”, em expressão de modismos, vendidos pelas administrações e por seus parceiros empresários como o ‘coroamento” de estratégias (segregacionistas) de requalificação urbana (SERPA, 2011, p.61).

Há em meio de todos os contextos históricos, de ocupação e modernização dos espaços públicos uma abrangente perspectiva de integração entre diferentes pessoas e práticas cotidianas que se definem como parte da vida das cidades, em suas múltiplas dimensões e características, sejam estas de relações simetria ou assimetria e de interesses. A crescente padronização dos estilos de vida no urbano também se impõem através das dificuldades em se ter um espaço público destinado (igualmente!) à toda a cidade, visto os desafios incorporados a novos modos de viver e de apropriação das áreas destinadas ao convívio geral.

Outrossim, cada espaço urbano possui aspectos que o definem em relação aos demais, onde, especificamente, os parques públicos são objetos formadores desse espaço. Os parques ainda se estabelecem como um espaço, onde as pessoas se sentem seguras, onde podem refletir suas ideias longe do barulho, e da confusão da cidade, para cada pessoa ou grupo, este espaço servirá como ponto de realização de alguma atividade. Mas sempre se ressalta a não utilização por parte de todos habitantes desses lugares, pois à acessibilidade reduzida, e os fatores segregacionistas, ainda são pontos críticos, nos aspectos dos espaços considerados públicos.

Os parques públicos caracterizam uma centralidade na cidade na qual estão localizados, instituindo um espaço onde as pessoas praticam suas atividades destinadas ao lazer e apreciam a paisagem, haja vista que os parques desde suas definições de projeto, já são pensados no sentido de

tomar o espaço de sua localização, agradável e admirável do ponto de vista arquitetônico e paisagístico.

No entanto, mesmo diante de todas estas características remetidas aos parques e suas centralidades, não se pode desmistificar as identificações de aspectos negativos que se correlacionam a esses espaços, haja vista que a valorização imobiliária e comercial em suas mediações são verificáveis e crescentes, conseqüentemente as formas de segregação vão sendo identificadas, pois grande maioria dos habitantes desses locais já não possuem os aportes econômicos necessários a suas permanências nesses espaços que vão sendo valorizados economicamente ao longo do tempo.

Em suma, para que seja feita uma maior compreensão e análise dos processos de desigualdades, ocupação de territórios, valorização imobiliária, e conhecimento expressivo dos espaços públicos, os parques públicos são bons pontos de partida, pelo fato de serem destinados à sociabilidade em meio a diversidade de sujeitos, culturas e perspectivas constituídas na cidade. Visto que enquanto um espaço de prestígio, o parque urbano passa a ser denotado como considerável capacidade de convergir diversos grupos sociais e de catalisar uma gama de serviços, os quais estão majoritariamente voltados para as camadas mais abastadas da população.

CONCLUSÕES

Vê-se então com base nas análises obtidas nas pesquisas sobre os espaços públicos e parques nas cidades que, estes espaços configuram uma centralidade correspondente à valorização das áreas onde estão localizados. Pois, o discurso do lazer saudável e do viver na cidade modificam o uso público que determinadas áreas da cidade passariam a ter, a exemplo dos amplos espaços públicos denotados como parques urbanos.

Tendo em vista as percepções e reflexões alcançadas mediante o estudo sobre os espaços públicos, verifica-se que as marcas de segregação são evidenciadas a mediada em que os interesses capitalistas se acentuam e provocam uma valorização imobiliária do local no tocante aos aspectos econômicos e de habitações que passam a ser destacadas por fazerem o Parque da Criança na cidade de Campina Grande com um bom exemplo de espaço central que caracterizou uma variável e intensa valorização do local, no qual está localizado, bastante utilizado ao lazer, práticas de divertimento e socialização nesse espaço.

Desse modo concluímos que reflexões provenientes dos estudos acerca dos espaços públicos e parques no contexto das cidades, devam se correlacionar com a história da sociedade brasileira em suas práticas de lazer, enquanto elemento de valorização das áreas centrais das cidades nos quais os parques estão localizados. Por outro lado, ainda se observam persistentes conflitos de

usos que permeiam esses espaços e o tornam em novas formas de apropriação relacionada ao às relações econômicas que direcionam o consumo do lugar.

REFERÊNCIAS

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O espaço urbano**: novos escritos sobre a cidade. São Paulo: FFLCH, 2007, 123p.

EART, Google. Disponível em: earth.google.com. Acesso em: 25 de Julho de 2015.

LEITÃO, Lúcia. **Quando o ambiente é hostil**: uma leitura urbanística da violência à luz de Sobrados e Mucambos e outros ensaios gilbertianos. Recife: UFPE, 2009. (pp. 78-112).

LIMA, Elaine Ferreira. “Velhos centros, novas centralidades: políticas de enobrecimento urbano e usos do espaço público”. **Scientia Plena** 3 (5):54-61, 2007.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. “História, memória e centralidade urbana”. **Rev. Mosaico**, v.1, n.1, p.3-12, jan./jun., 2008

SERPA, Ângelo. **O espaço público na cidade contemporânea**. São Paulo: Contexto, 2011.

_____. “Segregação território e espaço público na cidade contemporânea”. In: VASCONCELOS, Pedro de Almeida; CORRÊA, Roberto Lobato; PINTAUDI, Silvana Maria (Orgs). **A cidade contemporânea**: segregação espacial. São Paulo: Contexto, 2011 (pp. 170-185).